



CCB

16 A 18 – 23 A 25 JAN 26

TITUS ESTRUTURA

**ECOS DE TITUS ANDRONICUS:
DA TRAGÉDIA À GEOPOLÍTICA**
MODERAÇÃO DE RUI MARIA PÊGO
DEBATE 22 JAN

**ARTES
PERFORMATIVAS**

ÍNDICE

TEATRO +18

03

TITUS

16 A 18 — 23 A 25 JAN

Pequeno Auditório

Sex, 20h, Sáb, 19h, Dom, 17h

18 jan: Conversa pós-espetáculo com
Maria Sequeira Mendes

DEBATE

07

ECOS DE TITUS ANDRONICUS: DA TRAGÉDIA À GEOPOLÍTICA

Joana Ricarte e Nuno Severiano Teixeira
Moderação: Rui Maria Pêgo

22 JAN

Sala Sophia de Mello Breyner Andresen

Qui, 19h

Lotação: 150 Participantes

Entrada livre mediante apresentação de bilhete.

Os bilhetes ficam disponíveis para levantamento duas
horas antes do início do debate (a partir das 17h).

ESTRUTURA



Temporada 2025/2026
Centro Cultural de Belém
Teatro +18
16 a 18, 23 a 25 jan
Pequeno Auditório
Sex, 20h, Sáb, 19h, Dom, 17h
Duração aproximada: 150 min

TITUS

Estrutura

Encenação **Cátia Pinheiro e José Nunes**

Adaptação **Cátia Pinheiro, Hugo van der Ding e José Nunes**

Interpretação **Cátia Pinheiro, João Nunes Monteiro, João Oliveira,**

Maria Inês Peixoto, Pedro Frias, Roldy Harrys, Rui Maria Pêgo,

Tiago Jácome, Tita Maravilha e Vicente Gil

Cenografia **Cátia Pinheiro e Igor Pittella**

Desenho de Luz **Daniel Worm d'Assumpção**

Música e Sonoplastia **Vasco Zentzua**

Vídeo **Vasco Mendes**

Figurinos **Jordann Santos**

Participação em Vídeo **Hugo van der Ding, Joana Ricarte**

e **José Nunes**

Operação de Som **José Afonso Monteiro**

Assistência à Criação **Maria Inês Peixoto**

Assistência de Figurinos **Beatriz Filomeno**

Assistência de Cenografia **Paulo Barbosa**

Construção da Cenografia **Igor Pitella e José Ribeiro**

Consultoria Científica **Joana Ricarte**

Consultoria Dramatúrgica **Maria Sequeira Mendes**

Coordenação de Produção **Inês Carvalho e Lemos**

Comunicação e Produção Executiva **Romana Naruna**

Assessoria de Imprensa **Vanda Ribeiro**

Coprodução **Estrutura, Centro Cultural de Belém e**

Teatro Nacional São João

Agradecimentos **Confederação e Hair Fusion Lisboa**

Apoio **República Portuguesa – Cultura, Juventude e**

Desporto / Direção-Geral das Artes

TITUS parte da peça *Titus Andronicus*, de William Shakespeare, uma das suas primeiras tragédias, marcada por uma violência extrema e por temas como o trauma de guerra, o desejo de vingança, a relação com o poder, a autocracia, a misoginia e a ausência de limites para atingir um fim, seja ele político ou pessoal.

Cátia Pinheiro e José Nunes juntam-se a Hugo van der Ding para revisitar esta obra marcada pelo excesso — de violência, de sangue, de desejo de poder —, explorando a sua perturbadora atualidade, num tempo onde a violência ressurgue com novos rostos, sob discursos autoritários de guerra justa e paz imposta pela força, e em que se normaliza a violência como forma de resolução de conflitos. Mais do que uma reinterpretação, esta criação propõe um olhar crítico sobre o modo como os mecanismos de poder, vingança e desumanização permanecem ativos — e até naturalizados — na sociedade contemporânea.

A intemporalidade de *Titus Andronicus* reside precisamente na sua capacidade de expor o lado mais sombrio da condição humana. Shakespeare, ao colocar a violência no centro do drama, não a celebra — revela-a. E, ao fazê-lo, convida-nos a reconhecer os ecos dessa barbárie no nosso próprio tempo.





Debate
22 jan, 19h
Sala Sophia de Mello Breyner Andresen
Duração aproximada: 60 min

Lotação: 150 Participantes
Entrada livre mediante apresentação de bilhete.
Os bilhetes ficam disponíveis para levantamento
duas horas antes do início do debate (a partir das 17h).

ECOS DE TITUS ANDRONICUS: DA TRAGÉDIA À GEOPOLÍTICA

Joana Ricarte e Nuno Severiano Teixeira

Moderação de **Rui Maria Pêgo**

Partindo do espetáculo *TITUS*, inspirado em *Titus Andronicus*, de William Shakespeare, esta conversa propõe uma reflexão sobre a guerra, a vingança e os ciclos de violência que atravessam a história e persistem no presente. A partir desta tragédia shakespeariana, marcada pelo excesso de violência, sangue e desejo de poder, abre-se o debate para os conflitos contemporâneos que marcam o nosso tempo, com especial atenção a Gaza, à Ucrânia e ao Sudão.

Num diálogo entre arte, pensamento crítico e análise política, interroga-se a banalização da violência e a crescente normalização de discursos e ações bélicas na sociedade contemporânea, convocando o teatro como espaço privilegiado para pensar o mundo e as suas feridas abertas.



NUM BAR, COM SHAKESPEARE E TARANTINO

CÁTIA PINHEIRO E JOSÉ NUNES

Titus Andronicus é uma das primeiras – e mais brutais – tragédias de Shakespeare. Uma obra «imatura», «imperfeita», talvez escrita a várias mãos (com George Peele a pairar na sombra), marcada por excessos, por tempos errados, por uma violência que parece não conhecer travões. Mas é precisamente essa crueza inaugural que nos cativa: a ousadia inexperiente que abre espaço a uma liberdade total na adaptação. É na sua costura solta que encontramos margem para mexer sem pudor, para ressuscitar mortos clássicos e talvez indignar vivos conservadores. A nossa relação com Shakespeare é, necessariamente, iconoclasta: desmontar, revirar, provocar, abrir feridas antigas para expor o que nelas ainda pulsa.

Shakespeare, qual oráculo, recorreu ao passado romano para ler o seu próprio tempo, sem suspeitar que, ao fazê-lo, as suas palavras – perturbadoramente atuais – ecoariam no futuro.

Vivemos num tempo em que a violência ressurge com novos rostos, legitimada por discursos de «guerra justa», de «paz imposta pela força» e por uma normalização cada vez mais banal da desumanização. Na Europa, na Palestina, no *feed* do telemóvel. O sofrimento alheio é consumido como entretenimento – como quem passa de *story* em *story* em busca de mais uma tragédia que nos mantenha acordados. *War porn*,* servido à temperatura do imediato.

E se, nesta revisitação, abandonarmos o campo de batalha romano para entrar numa discoteca? Um *after hours* onde a noite já vai longa, a música está demasiado alta e a tragédia se mistura com luz estroboscópica, suor e sangue. Um lugar onde Shakespeare e Tarantino entram num bar, pedem um *shot* e discutem quem matou com maior estilo. No centro do espaço, a violência é simultaneamente exposta, remixada e rentabilizada: ao lado da desgraça, repórteres registam *bloopers* que, mais tarde, serão *memes*; entre o *meme* e a miséria constrói-se o espetáculo que consumimos sem pestanejar.

Se em *Titus Andronicus* a sede de vingança supera qualquer resquício de humanidade, aqui essa sede é amplificada por diretos,

* *Pornography of War* [Pornografia da Guerra], título do ensaio de Jean Baudrillard, publicado pela primeira vez na revista académica *Cultural Politics*. Duke University Press. Vol. 1, n.º 1, março de 2005. [N. da E.]

comentadores improvisados e até um *stand-up comedian* que faz piadas demasiado cedo. «Too soon?» Demasiado cedo para quem? Quem conta a tragédia? Quem a transmite? Quem são os mediadores do horror – e porque confiamos neles?

Shakespeare não celebrava a violência. Revelava-a. Expunha o lado mais sombrio da condição humana ao colocar o sangue, a mutilação e o ódio no centro da cena. Esta criação não pretende apenas reinterpretá-lo: quer olhar criticamente para os mecanismos que continuam ativos – e até naturalizados – na sociedade contemporânea. O poder. A vingança. A desumanização. E também a nossa passividade diante deles.

E por isso, no meio deste *after hours* saturado de tragédia e espetáculo, deixamos algumas perguntas: O que queremos desta tragédia? Que satisfação tiramos da vingança? O que nos impele a ficarmos viciados no trágico? Estamos aqui pela justiça ou pelo sofrimento? Queremos emocionar-nos com a dor dos outros ou preferimos espumar da boca, desejosos de retaliação? Não há salvação. Só raiva. E, enquanto continuarmos a aplaudi-la, a tragédia continua – no palco e fora dele.

[...] O SOFRIMENTO ALHEIO É CONSUMIDO COMO ENTRETENIMENTO – COMO QUEM PASSA DE STORY EM STORY EM BUSCA DE MAIS UMA TRAGÉDIA QUE NOS MANTENHA ACORDADOS. [...]

TITUS – SERÁ A PAZ POSSÍVEL QUANDO TODOS PROCURAM JUSTIÇA POR VIA DA VINGANÇA?

JOANA RICARTE

Titus Andronicus é uma das tragédias mais violentas de William Shakespeare. Com conceitos de honra e justiça distorcidos como panos de fundo, assenta numa lógica cíclica de brutalidade e barbárie que não tem fim à vista até a destruição de todos. A mensagem é pessimista, mas é clara: se o ciclo de vingança não for quebrado, não há justiça ou vitória possível para ninguém. Isto porque a reparação, supostamente justa e proporcional, de um primeiro ato de injustiça e falta de piedade leva ao escalar de retaliações que, por sua vez, tendem à desproporcionalidade. No fim, o espetador já não se recorda sequer quem ou como foi que começou. A verdade é que também já não importa: todos perderam tudo na espiral de violência desenfreada. Mas, mais importante, Shakespeare nos mostra que na trama da sucessão de ações contra um ato primordial de desumanidade, não há quem não perca a sua própria humanidade.

Esta peça é uma alegoria macabra – e desconfortavelmente atual – do nosso tempo. Num mundo onde discursos de guerra justa, direito de defesa incondicional e paz pela força imperam no ambiente internacional, *Titus* chama a atenção para as diversas formas pelas quais os conceitos de legitimidade e justiça podem ser contraditoriamente instrumentalizados em narrativas de justificação e aceitação da violência sem amarras morais. Mostra de forma hiperbólica os extremos aos quais os seres humanos podem chegar, quando, em nome da honra, da justiça e da civilização, vitimam, mutilam e destroem de forma cruel e impiedosa famílias e sociedades inteiras, tomando a parte pelo todo até que inocentes e «puros de alma» são também pegos de forma injusta num ciclo de violência e vinganças que não é seu. A peça de Shakespeare ilustra como a vingança não tem fim. Cada ato leva a uma maior retaliação e, quando ninguém tem a coragem de interromper o ciclo, todos, sem exceção, acabam por perecer, não sobrando vitalma para cantar vitória. Os poucos que ficam são os que tomam decisões difíceis e recusam a vingança para quebrar o ciclo e iniciar o longo processo de reconstrução da sua própria civilidade perdida.

Enquanto personagem, Titus se apresenta como a personificação da civilização contra a barbárie. Contudo, é uma civilização que sacraliza em lei a violência e a vingança, tornando suas ações em tudo bárbaras, mesmo sendo representadas como parte de uma racionalidade tida como moral. Na peça, tudo o que Titus faz é dentro de um enquadramento social e

jurídico que aceita e legitima determinados tipos de violência para permitir reparação contra as ações de outrem. A violência com regras é o que torna Roma uma civilização. Mesmo quando se assemelha em tudo ao que visa contrapor e combater. Uma curiosa analogia para se pensar a barbárie da guerra e os limites das leis da guerra nos dias que correm. Quando somos capazes de aceitar e justificar a violência contra o outro. Quando criamos narrativas e histórias que explicam e racionalizam os futuros roubados e as esperanças perdidas. Quando normalizamos a hostilidade na diferença e a desumanização. Estaremos nós a viver na distópica Roma shakespeariana?

A adaptação de Cátia Pinheiro, Hugo van der Ding e José Nunes traz uma dimensão explícita de humanidade, com um toque de contemporaneidade. E vão além da mensagem inicial da obra original ao abrirem a porta à transformação e à esperança. Mais do que um desfecho inevitável de uma espécie de determinismo pessimista que decorre de uma leitura shakespeariana da natureza humana como iminente e inevitavelmente violenta, a tragédia aqui é resultado da inconsistência, da dor e do amor humanos. Esta releitura traz uma possibilidade nova de transformação: a angústia, o sofrimento, a memória e o trauma podem ser trabalhados e compreendidos na sua individualidade. E, ao reconhecer uma lógica intrinsecamente humana no comportamento ilógico dos personagens, esta adaptação mostra que a reversão do ciclo de violência é possível.

Titus nos traz uma leitura não-essencializada da identidade individual e coletiva, que quebra com estereótipos clássicos e rigidificados presentes muitas vezes na obra shakespeariana. E, assim, os adaptadores, juntamente com um elenco de excelência, trazem uma reflexão que é em tudo atual e pertinente. Se a justiça for produto da reparação através da vingança, então nunca será possível atingir a paz. Ao contrário, esta só poderá ser conseguida quando há coragem para ver e reconhecer que a violência intergeracional não tem razão ou racionalidade possível de se reter. Uma dimensão humana e plural, com a qual todos nos podemos identificar nas nossas próprias representações de nós e dos outros, assim como nas nossas ações quotidianas. Assim, esta peça chama à reflexão sobre a responsabilidade individual dos nossos atos coletivos.

ROMA é o resultado da irracionalidade de uma justiça que tem por base a violência e a vingança. Mas pode bem ser revertida numa mensagem de **AMOR**.

Textos publicados originalmente no programa de sala de *TITUS*, do Teatro Nacional São João.



Estrutura

A Estrutura foi fundada em 2009 por Cátia Pinheiro e José Nunes e tem desenvolvido a criação e produção de espetáculos de teatro e projetos transdisciplinares, bem como atividades de programação e formação. No seu percurso, destacam-se as mais recentes criações *Uma Gaivota* (2016), *Geocide* (2017), *The End* (2017), *M'18* (2018), *Pathos* (2019), *Party* (2019), *Língua* (2020), *F...* (2021), *O Meu Primeiro Corpo* (2022), *descobri-quê?* (2023), *Carta à Matilde* (2023), *CLASSIFIED* (2024), o programa de formação *Recurso* (2018-2024) e os

percursos áudio *The Walk* #2, #3, #4 e #5 (2019-2025).

Desde a sua fundação, apresentou os seus espetáculos em colaboração com instituições como o Teatro Municipal do Porto, Teatro Nacional São João, Teatro Nacional Dona Maria II, São Luiz Teatro Municipal, Centro Cultural Vila Flor, 23 Milhas, FITEI, Festival Temps d'Images, entre outros.

A Estrutura é financiada pela Direção-Geral das Artes no âmbito do programa de Apoio Sustentado e é uma das companhias residentes no Teatro Campo Alegre, ao abrigo do programa Campo Aberto do Teatro Municipal do Porto.



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

**FIQUE A PAR DE TODA A NOSSA PROGRAMAÇÃO
E ATIVIDADES EM PRIMEIRA MÃO!**

ccb.pt/newsletter



JÁ A SEGUIR
19 A 22, 26 A 29 MAR

TEATRO *

**A VALENTINA E A VALERIA
NÃO ESTÃO MORTAS**

Flávia Gusmão e Jacinto Lucas Pires

O ensaio de Esmeralda é sobressaltado por duas figuras, Valentina e Valeria. Quem são elas, exatamente? Parecem estar num espaço desértico, com qualquer coisa de *Internet* e de *Além*. Terão surgido das falhas de memória da atriz? Serão produto da sua imaginação?

A Valentina e a Valeria não estão mortas é uma peça sobre as relações entre memória e imaginação, ficção e não-ficção, teatro e vida, morte e luto. Um monólogo de muitas vozes que brinca com o processo do teatro para nos dar a ver uma, duas, três mulheres.

Qui e Sex, 20h

Sáb, 19h

Dom, 17h

Black Box

* Classificação Etária: A classificar pela CCE



Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura
MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao